

ECO, Humberto — **Obra Aberta.** São Paulo, Editôra Perspectiva, 1968, 277 pp.

No trabalho em epígrafe, U.E. aborda problemas fundamentais em torno de algumas artes como a música e a literatura, além de destacar aspectos gerais da informação e da comunicação através do cinema e da televisão.

Em primeira instância o livro pretende discutir o problema da obra aberta, ou seja, aquela que se liberta a um sem-número de interpretações, que não se fecha em si-mesma, que apresenta a própria abertura da vida.

Um dos primeiros aspectos a destacar neste volume de U.E. é a discussão rígida e rigorosa da posição de especialistas em vários campos da inteligência humana, como Roman Jakobson, Kilpatrik, Dewey, Charles Morris, Paul Ricoeur, Robbe-Grillet, Lucien Goldmann, Saussure, Croce e alguns outros.

Os capítulos mais importantes são os dois primeiros, que incidem mais verticalmente na análise da arte e em particular da literatura — e intitulam-se: “A poética da obra aberta”, “Análise da linguagem poética: proposições com função referencial, função sugestiva, a sugestão orientada”. Dos outros capítulos o mais importante a seguir é o referente à abertura, à informação e à comunicação.

Era de se esperar que a análise de várias manifestações artísticas atingiria, inevitavelmente, o campo da estética e da filosofia da arte e curiosamente, *Obra aberta* teve aí o seu nascedouro como o próprio U.E. afirma na Introdução à segunda edição:

“Os ensaios contidos neste livro nasceram de uma comunicação (“O problema da obra aberta”), apresentada no XII Congresso Internacional de Filosofia, em 1958”.

A obra, intencionalmente preocupada com o problema da comunicação, é natural que esteja baseada em idéias e relações estabelecidas em torno da literatura, indiscutivelmente a arte mais comunicativa. Por esta razão é que U.E. discute textos literários fundamentais como o *Ulisses* de James Joyce, *A Divina Comédia*, *I promessi sposi* de Manzoni bem como algumas idéias filosóficas e estéticas de Croce, Dewey, Merleau-Ponty entre outros.

O capítulo dedicado à teoria da informação preocupa-se primordialmente com os problemas da comunicação poética, o discurso poético e o discurso musical, estes dois últimos de resto, indissolúvelmente ligados.

A problemática proposta por U.E. em *Obra aberta* é válida especialmente por recolocar em termos atuais, a ligação da literatura, em particular a poesia, com a música. Aqui a aproximação não é mais de ordem puramente impressionista, mas se opera ao nível da estrutura, da comunicação e das possibilidades maiores de abertura. Ao nível de um impressionismo é claro que a música e a pintura adquirem maior amplitude, pois não apresentam as barreiras de uma língua determinada para veicular textos literários. Na verdade é mais fácil possuir um sentimento da música, da pintura do que da literatura porque esta também se realiza no campo da idéia, através dos significados das palavras.

Dois tópicos importantes ainda merecem ser ressaltados no presente volume: o primeiro, a isenção de ânimo com que U.E. procede: embora numa perspectiva em que os problemas artísticos são essenciais, o crítico não os supervaloriza. Para êle o conhecimento de primeira ordem é o de caráter lógico, discursivo, científico, constituindo as artes processos complementares do saber. Outro tópico refere-se ao problema da obra artística e sua abertura. Lembra o crítico que rigorosamente não existem obras fechadas, que, num maior ou menor grau tôdas são abertas, pois sempre oferecem novos ângulos de visão, a cada abordagem que se faça. Didaticamente, e tão somente nesse plano se opera essa divisão e se bem entendemos a linha de reflexão de U.E. nós podemos falar antes em obras mais abertas ou menos abertas.

Finalmente, há que se fazer um destaque para outro relevante problema veiculado pelo autor: a relação entre a abertura da obra e a axiologia. Lembra que o fato de uma obra literária ou musical revelar maior ou menor abertura não implica que seja uma obra de valor ou de valores. A noção de obra aberta é para U.E. é um "modelo hipotético" de que não poderemos inferir validade ou não validade. Num sentido geral é possível aceitar-se as obras abertas apresentam maior amplitude que as chamadas fechadas; contudo, só de alguns anos para cá é que o problema da abertura da obra começa a ser debatido em termos atuais e constitui ainda campo aberto (há que repetir o adjetivo) para a crítica artística e em particular, a literária.

Em resumo, em síntese e em conclusão, esta presente *Obra aberta* de U.E. revela-se importantíssima para todos aquêles que se abeiram da arte em geral, embora o autor se tenha preocupado mais com a abertura da poesia e da música, com algumas incidências em romances e romancistas cujos nomes já lembramos a certa altura dêste trabalho. Constitui, por isso, material indispensável em tôdas as bibliotecas de especialistas e curiosos da arte em geral.

JOÃO DÉCIO